

Domitila Carvalho: a primeira mulher licenciada em Portugal



Por: Maria do Carmo Martins
Professora do Departamento de Matemática
da Universidade dos Açores
mika@uac.pt

Sendo eu mulher, tendo frequentado a Universidade dos Açores, a Universidade de Coimbra e o Instituto Superior Técnico durante a minha formação superior, e sendo docente universitária na área de Matemática, nesta minha *rentrée* de 2015 (Ano Internacional da Luz) vou falar-vos de uma mulher que fez história em Portugal, precisamente porque foi a primeira mulher a frequentar uma universidade portuguesa.

Confesso que estas peculiaridades sempre me fascinaram. Conhecer o passado e as nossas raízes é uma forma de moldarmos o futuro. Por incrível que pareça, há dois anos que tento realizar uma pesquisa sobre as primeiras mulheres que lecionaram nos liceus açorianos e ainda não consegui ter acesso a quaisquer registos sobre o assunto. A minha perseverança impede-me de desistir e, na impossibilidade de concretizar a investigação sobre a gente dos Açores, venho dar-vos a conhecer Domitila Carvalho, que se licenciou em Coimbra.

Até 1772, o ensino da Matemática de nível superior estava reservado essencialmente às academias militares, razão pela qual não se regista a presença feminina. A partir de 1772, com a reforma da Universidade de Coimbra, assistiu-se à criação da Faculdade de Matemática. Apesar de aparentemente o acesso não estar vedado às mulheres, na realidade as saídas profissionais destinavam-se ao sexo masculino. Os alunos que concluíam o curso ministrado na Faculdade de Matemática tinham duas grandes saídas profissionais: (1) o serviço de Campanha e da Marinha; e (2) o ensino público e particular das Ciências Matemáticas fora da Universidade.

Em quase todas as partes do globo, as mulheres chegaram tarde a assumir posições (de relevo) na sociedade. Confronte-se o papel das mulheres e dos homens em empresas, escolas, universidades ou no estado. O nosso país não foi exceção. Em pleno século XIX, o papel de mulher estava confinado às tarefas do lar, a ser esposa e mãe. A educação das raparigas tinha como principal finalidade o exercício da maternidade e, nesse sentido, os conteúdos programáticos no ensino feminino reduziam-se à educação moral, à aprendizagem da leitura, da escrita e da aritmética simples que se completavam com os trabalhos de agulha (tricotar, costurar, coser). À Universidade de Coimbra, por sinal a universidade mais antiga de Portugal, a primeira aluna só chegou em 1891 e permaneceu como única até 1896!



Domitila frequentou os cursos de Matemática e Filosofia, que concluiu com distinção em 1894 e 1895, respetivamente. De seguida, ingressou em Medicina e até 1896 foi a única aluna da Universidade. Em 1904 doutorou-se em Medicina com 16 valores, tendo sido apadrinhada pela rainha D. Amélia de Orléans.

A sua carreira profissional como médica iniciou-se em Lisboa na Assistência Nacional aos Tuberculosos. Cumulativamente, obteve um lugar de professora efetiva no Liceu de D. Maria Pia, a primeira escola secundária criada em Portugal para o sexo feminino. Esta escola só ministrava o Curso Geral, pelo que as raparigas que pretendessem continuar o estudo no Curso Complementar teriam, impreterivelmente, que frequentar liceus masculinos. Ao lecionar a disciplina de Matemática, Domitila tornou-se, não só a primeira mulher portuguesa licenciada em Matemática, como também na primeira mulher portuguesa a ser professora daquela disciplina.

(1924); *Maria Amália Vaz de Carvalho* (1930); e *Para o alto* (1957). Sendo uma mulher das ciências e da cultura, dedicou-se à realização de conferências sobre literatura e ensino. A reputação e carreira fez com que se tornasse sócia correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e vogal do Conselho Superior de Instrução Pública. Para além destes cargos, tornou-se membro da organização dos Médicos Católicos Portugueses, de outras organizações ligadas à Igreja Católica e a movimentos de beneficência. Em 1936 ocupou o cargo de vogal da direção da Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN).

No ano de 1934 Domitila, juntamente com Maria Baptista dos Santos Guardiola (1895–1987) e Maria Cândida Parreira (1877–1942), foi convidada pela União Nacional para integrar a lista única de candidatos a deputados na 1.ª Legislatura da Assembleia Nacional do Estado Novo. A eleição realizou-se em dezembro de 1934 e Domitila, com 64 anos, foi uma das três primeiras deputadas portuguesas durante duas legislaturas (1934–1938 e 1938–1941).

Monárquica e conservadora, aderiu aos princípios político-ideológicos do estado Novo, destacando-se entre a (pequena) elite feminina que apoiava o regime de Oliveira Salazar. Sendo monárquica e próxima da ex-rainha D. Amélia de Orléans (sua madrinha de doutoramento) desempenhou o papel de interlocutora entre Salazar e a ex-rainha.

Contrariamente à grande maioria das mulheres da sua época, Domitila não casou nem teve filhos. No entanto, esta situação não a impediu de se interessar pelas questões infantis e pela problemática da família. Refira-se, por exemplo, a conferência intitulada “Comunismo contra a infância”, proferida em maio de 1936, na qual defendeu o papel educativo da família e condenou veementemente o “*fanatismo do Estado colectivista*”, que retirava as crianças aos pais. A sua formação multifacetada fez com desempenhasse um papel ativo na Assembleia Nacional. Como médica levou o debate sobre a elevada taxa de mortalidade infantil portuguesa à Assembleia. Como professora (e médica) esteve na origem da introdução de cursos de frequência obrigatória de higiene geral e de puericultura nos liceus e escolas do ensino secundário femininos e participou na discussão sobre a reforma educativa (em 1936) liderada por António Faria de Carneiro Pacheco (1887–1957) professor de Direito na Universidade de Lisboa e político que foi presidente da comissão executiva da União Nacional e Ministro da Educação Nacional pronunciando-se contra um ensino laico, sendo defensora da afixação obrigatória do crucifixo nas escolas primárias. A sua luta pela vida terminou a 11 de novembro de 1966.

Em tom de despedida, “mudam-se os tempos mudam-se as vontades” e graças às nossas heroínas o rumo da história foi mudando ao longo dos tempos. Bem haja à sua coragem e determinação. Termina com uma frase de Shukhorukov: “Deus fez as mulheres belas. O diabo fê-las espertas”!



Domitila Hormizinda Miranda de Carvalho nasceu em Travanca da Feira (Aveiro) a 10 de abril de 1871. Filha de um professor do ensino primário, ficou órfã de pai quando tinha apenas 1 ano de idade. Realizou os seus estudos em Castelo Branco, onde frequentou o liceu e prosseguiu a sua educação nos liceus de Bragança e Leiria. Acabou o ensino liceal em 1891.

Ao completar o ensino secundário com excelentes notas. Requeru o seu ingresso na Universidade de Coimbra ao Magnífico Reitor e tomou-se a primeira mulher, depois da reforma universitária de 1772, a ser admitida no ensino superior, onde se matriculou em outubro de 1891. No entanto, o Reitor ditou que Domitila deveria trajar sempre de negro, com chapéu discreto e de forma sóbria de modo a que não se evidenciasse entre os colegas masculinos, que obrigatoriamente vestiam capa e batina fechada.

Domitila acumulou as funções de professora com as de reitora do Liceu D. Maria Pia desde a sua fundação em 23 de fevereiro de 1906 até novembro de 1912. Até à sua aposentação, continuou a lecionar Matemática no mesmo Liceu, o qual mudou o nome para Liceu de Almeida Garrett (em 1917) e mais tarde para Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho. Enquanto Liceu D. Maria Pia, Domitila lecionou várias disciplinas, concentrando-se apenas ao ensino Matemática quando o Liceu passou a designar-se Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho.

Detentora de uma energia magnífica, paralelamente às suas atividades como docente e médica, Domitila foi autora de alguns livros de versos. Entre outras, Domitila é autora das seguintes obras: *Versos* (1909); *Lição às alunas do Liceu de Garrett, no 30.º dia do falecimento do Sr. Dr. Sidónio Paes* (1919); *Terra de Amores*